

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – CAMPUS AGRESTE  
GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

ALINE CARLA MACHADO DE OLIVEIRA

**O NORDESTE SEGUNDO GILBERTO FREYRE: ASPECTOS SOCIAIS E  
ECONÔMICOS**

CARUARU

2013

ALINE CARLA MACHADO DE OLIVEIRA

**O NORDESTE SEGUNDO GILBERTO FREYRE: ASPECTOS SOCIAIS E  
ECONÔMICOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora Bacharelado em Ciências Econômicas Centro Acadêmico do Agreste Universidade Federal de Pernambuco, pela aluna Aline Carla Machado de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em economia.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Martins.

CARUARU

2013

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Simone Xavier CRB4 - 1242

- O48n Oliveira, Aline Carla Machado de.  
O Nordeste segundo Gilberto Freyre: aspectos sociais e econômicos. / Aline Carla Machado de Oliveira. - Caruaru: O Autor, 2013.  
30f.; il.; 30 cm.
- Orientador: André Luiz de Miranda Martins  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA. Economia, 2013.  
Inclui referências bibliográficas
1. Brasil – Nordeste – Condições econômicas e sociais. 2. Setor açucareiro. 3. Freyre, Gilberto – Crítica e interpretação. I. Martins, André Luiz de Miranda. (Orientador). II. Título.
- 330 CDD (23. ed.) UFPE (CAA 2013-112)

ALINE CARLA MACHADO DE OLIVEIRA

**O NORDESTE SEGUNDO GILBERTO FREYRE: ASPECTOS SOCIAIS E  
ECONÔMICOS**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado a Universidade Federal de  
Pernambuco – Campus Agreste, pela  
aluna Aline Carla Machado de Oliveira,  
como requisito para obtenção do título  
de bacharela em economia.

Aprovado em 19 / 09 / 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. André Luiz Martins, Orientador

Prof. Dr. Glaudionor Barbósa

Prof. Ana Paula Sobreira

*“Desejo que você  
Não tenha medo da vida, tenha medo de não vivê-la.  
Não há céu sem tempestades, nem caminho sem acidentes.  
Só é digno do pódio quem usa as derrotas para alcançá-los.  
Só é digno da sabedoria quem usa as lágrimas para irrigá-los.  
Os frágeis usam a força, os fortes, a inteligência.  
Seja um sonhador, mas não seus sonhos com disciplina.  
Pois, os sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas  
Seja um debatedor de ideias. Lute pelo o que você ama.”*

**Augusto Cury**

## AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, socorro presente na hora da angústia, pela força, coragem e o discernimento de saber esperar o momento certo e a hora certa, e não desistir.

Aos meus pais Paulo Queiros de Oliveira e Maria das Graças Machado de Oliveira por toda luta, educação, amor, incentivo, afeto que contribuíram para a minha formação pessoal, os quais me demonstraram os caminhos certos a seguir.

Aos meus irmãos Paula Christyane e William Machado que sempre me incentivaram e serviram de referencial para que eu não desistisse.

A minha tia Maria do Carmo que muito me ajudou em momentos de necessidade.

A minha linda, carinhosa e amada filha Mariana de Oliveira Acioly, por ser minha maior motivadora, pois se muitas vezes pensei em não continuar foi por ela que encontrei forças para enfrentar o dia e continuar o dia seguinte. Obrigado amor da minha vida.

Aos professores da graduação que proporcionaram conhecimentos e experiências durante o curso que contribuiu para a minha formação profissional.

Em especial ao meu orientador Prof. Dr. André Luiz Martins, que foi paciente nos momentos certos, entendeu minhas dificuldades, ajudou me a superar os meus receios, me proporcionou conhecimentos e direcionamentos que foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

A todos os colegas de sala de aula que proporcionaram momentos enriquecedores durante a graduação.

A todos os meus amigos, mais chegados que irmãos que não foram citados, mas que de alguma forma auxiliaram na elaboração deste trabalho, meu muitíssimo obrigado.

## **RESUMO**

O objetivo do presente trabalho foi analisar a visão que Gilberto Freyre tinha em relação ao Nordeste fazendo uma analogia como este realmente era. Os objetivos específicos foram: analisar as características do Nordeste na visão de Gilberto Freire; observar a visão de outros estudiosos sobre o Nordeste e abordar o período histórico coberto pelo livro. O trabalho utilizou de metodologia científica para sua composição, sendo o mesmo bibliográfico, exploratório e qualitativo. Conclui-se que Freyre tinha uma visão ideológica sobre o Nordeste, o mesmo utilizava de uma descrição de utopia para demonstrar relação dos senhores e seus escravos, bem como dos trabalhadores e dos empresários do setor açucareiro, o qual fugia da real situação que não era nada dócil e amigável, mas a base de chicotadas, condições desumanas, a base de confrontos e revoltas. O Nordeste sofria com a seca, mas não por conta de problemas naturais, mas por conta de problemas de ordem política, econômica e social. Onde predominava os interesses políticos, econômicos e da sociedade rica da época, enquanto a maioria da população sofria com a fome, miséria, falta de água, recursos, entre outros, por conta dos desvios de verbas para esta finalidade. Logo, a visão retratada por Freyre não relatava a realidade do Nordeste.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nordeste. Setor Açucareiro. Sociedade.

## **ABSTRACT**

The objective of this study was to analyze the vision that Gilberto Freyre had over the Northeast making an analogy like this really was. The specific objectives were to analyze the characteristics of the Northeast in the vision of Gilberto Freyre; observe the view of other scholars on the Northeast and address the historical period covered by the book. The work of scientific methodology used for its composition, and the same literature, exploratory qualitative. We conclude that Freyre had ideological vision on the Northeast, the same used for a description of utopia to show relationship of masters and slaves, as well as the workers and employers of the sugar sector, which fled from the real situation that was not nothing docile and friendly, but the base of lashes, inhumane conditions, the base of clashes and riots. The Northeast suffered from drought, but not because of natural problems, but because of problems of political, economic and social. Where the prevailing political, economic and rich society of the time, while most of the population suffered from hunger, poverty, lack of water resources, among others, due to the diversion of funds for this purpose. Thus, the vision portrayed by Freyre did not report the reality of the Northeast.

**KEYWORDS:** Northeast. Sugar industry. Society.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1 METODOLOGIA.....	11
<b>1.1.1 Natureza da Pesquisa .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1.2 Quanto aos Meios .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1.3 Quanto aos Fins ou Objetivos.....</b>	<b>12</b>
1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO .....	13
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>14</b>
2.1 O NORDESTE VISTO POR GILBERTO FREYRE.....	14
2.2 COMO O NORDESTE REALMENTE ERA EM 1937 .....	18
<b>3 CONCLUSÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil, no século passado, até os anos 30, era visto como tendo apenas duas regiões: O Norte e Sul. As pessoas que tentavam ir para São Paulo eram vistas como migrantes da porção setentrional do Brasil. Os “baianos”, por exemplo, aqueles que não conseguiam chegar a São Paulo eram vistos pelos mineiros como os “baianos cansados”. Até o próprio Gilberto Freyre não conseguiu ser objetivo em sua obra referente à região, onde iniciava e onde terminava o Nordeste (FREYRE, 2004). Observa-se que, neste período, o Brasil até os anos trinta não tinha suas regiões bem delimitadas, a sociedade não conhecia o país onde vivia e não existia um profundo conhecimento sobre a imensidade do país. O Nordeste não era bem compreendido, sendo os estados pertencentes a esta região visto pelas pessoas como se fossem pertencentes ao Norte.

Freyre, em sua vasta e qualificada produção, especialmente em sua obra “Nordeste”, de uma forma impressionista e caprichando em escrever de forma mais acessível ao povo, dá uma ideia mais geral da civilização açucareira e da sociedade patriarcal, suas tematizações sobre ecologia e o ambiente, da importância entre a natureza e a sociedade. Freyre tinha condições e estímulos para observar o papel desempenhado pelos chamados rios de açúcar, do Nordeste, criando problemas para os habitantes de uma região bem povoada.

O Nordeste foi visto por Freyre a partir de Pernambuco, onde colocou a cidade do Recife como seu ponto central, o mesmo observou e abordou os fatos políticos, econômicos, sociais e culturais. Fez enfoque as diversidades de interesses, como festas populares (folguedos), educação, culinária, relações sociais, a fechada e rigorosa civilização patriarcal (FREYRE, 2004). Esta visão de Freyre a forma que a sociedade patriarcal vivia, suas festas populares, sua culinária, educação, entre outros interesses possibilitou observar o Nordeste por diferentes óticas, porém, contribuiu para que o Nordeste pudesse ser visto como uma região com características próprias.

Freyre, parte do seu presente, afirmando-se impulsionado pelo desejo de sensibilizar os brasileiros para a degradação do conjunto regional do Nordeste, lugar então identificado com a seca e com a imagem de uma população raquítica, acompanhada de bois e cavalos angulosos. Freyre, destaca um outro Nordeste, de terra farta, com grande umidade e sombras profundas. A cana-de-açúcar aparece como fio condutor no desenrolar do drama da monocultura. É o elemento fundamental que surge para dinamizar uma sociedade especial, rica, pródiga e criadora de valores políticos, estéticos e intelectuais. Porém, a cana- de -açúcar

também serviu para escravizar esta mesma sociedade engolindo descontroladamente suas matas ricas, suas águas e seus homens, deixando apenas uma paisagem de cidades cinzentas e uniformizadas em padrões europeus, destruindo as potencialidades históricas.

Diante do exposto, o estudo teve como problema de pesquisa a seguinte pergunta: **O “Nordeste” de Freyre retratava uma realidade ou era outra construção ideológica?**

Com relação ao objetivo geral, o presente estudo buscou analisar a visão que Gilberto Freyre tinha em relação ao Nordeste fazendo uma analogia como este realmente era.

Visando responder o objetivo geral deste estudo, foram delimitados os seguintes objetivos específicos: i) Analisar as características do Nordeste na visão de Gilberto Freyre; ii) Observar a visão de outros estudiosos sobre o Nordeste e iii) Abordar o período histórico coberto pelo livro.

Este trabalho se justifica, pois o mesmo aborda um tema de relevância, aonde o Nordeste cada vez mais vem se destacando com sua contribuição para o desenvolvimento do Brasil, porém, vale ressaltar as pioneiras visões sobre esta região, fazendo analogia entre a ótica de Freyre e a de demais estudiosos sobre o Nordeste. Este trabalho serve de contribuição para a sociedade, como fonte de estudo sobre a história do Nordeste por diferentes óticas, bem como contribui para a sociedade acadêmica, como fonte de conhecimento sobre a evolução desta região, em particular para estudantes de economia, para que possam entender a evolução da mesma.

## 1.1 METODOLOGIA

### 1.1.1 Natureza da Pesquisa

Com base na taxonomia de Vergara (2005), a pesquisa se caracteriza quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins foi possível identificar o tipo que seria utilizada e quanto aos meios foi possível desenvolver que tipo de busca foi aplicado nesta pesquisa.

Deste modo, os métodos utilizados permitiram que o presente trabalho fosse desenvolvido baseado em procedimentos que auxiliam a pesquisa, para que os objetivos traçados fossem alcançados. Os métodos proporcionam conhecimentos sobre técnicas de estudo que facilita a compreensão.

### 1.1.2 Quanto aos Meios

O estudo foi de caráter bibliográfico conforme os estudos elaborados por Santos, Molina e Dias (2007, p. 127)<sup>1</sup>; pois se utilizou de livros de estudiosos sobre o Nordeste. Assim foi possível obter informações precisas e confiáveis sobre o assunto, com base nestas informações foi possível à realização deste trabalho.

Segundo Acevedo e Nohara (2007, p. 48), “o levantamento bibliográfico consiste na busca de estudos anteriores que já foram produzidos por outros cientistas e que geralmente são publicados em livros ou artigos científicos”. Esta pesquisa foi fundamentada em livros que continham informações sobre o Nordeste, possibilitando responder o problema levantado e a partir da análise foi possível concretizar a conclusão.

### 1.1.3 Quanto aos Fins ou Objetivos

Inscrita na história das ideias, a pesquisa tem caráter exploratório, isto é, as pesquisas exploratórias segundo Gil (1999) visam proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo proximativo. Estudo fenomenológico, este propõe-se a estabelecer uma base livre de estereótipos para todas as ciências.

Com relação à abordagem da pesquisa, a mesma também se deu de forma qualitativa, pois o estudo foi realizado através da análise do livro o Nordeste e das ideias de Freyre descritas na referida obra. “A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa. Não requer os usos de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave” (GIL, 1999, p. 18).

Assim, com base no conceito de Gil, entende-se que a pesquisa foi qualitativa porque diante do problema levantado foi possível conhecer melhor a problemática, além de poder fazer levantamento de hipótese onde foi possível estabelecer as respostas sem necessariamente utilizar de fontes estáticas.

---

<sup>1</sup>É o tipo de pesquisa obrigatória a todo e qualquer modelo de trabalho científico. É um estudo organizado sistematicamente com base em materiais publicados. São exigidas a busca de informações bibliográficas e a seleção de documentos que se relacionam com os objetivos da pesquisa. Dentre os materiais que podem ser fontes de informação e conhecimento os mais utilizados são livros, revistas (periódicos), textos da internet, documentários, fitas de vídeo, DVDs, disquetes, entre outros.

Marconi e Lakatos (2011, p. 269) também conceituam a metodologia qualitativa<sup>2</sup>. Deste modo, a pesquisa foi qualitativa, pois buscou se aprofundar sobre a visão de Freyre em relação ao Nordeste. A busca por maior entendimento sobre o assunto buscou observar características permitindo a composição da pesquisa com maior veracidade, por ser baseada em assuntos já existentes sobre o tema, o qual existe diversos estudos realizados que permitiram a realização desta pesquisa.

## 1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho foi dividido em partes para melhor entendimento sobre o tema abordado. O mesmo foi composto por introdução, parte onde foi delimitado o problema de pesquisa, objetivo geral e os específicos, metodologia e estrutura do trabalho, além de uma pequena abordagem sobre o tema.

O referencial teórico em seu primeiro tópico foi voltado a demonstrar e analisar o Nordeste de acordo a visão de Gilberto Freyre. Este capítulo demonstra como era a visão de Freyre referente à sociedade, a política, a economia e a cultura.

Já o segundo tópico retrata como o Nordeste realmente era em 1937. Nesta parte são evidenciadas visões de outros autores sobre o Nordeste, demonstrando a importância da visão destes, que poderiam ser opositores ou defensores da mesma linha de pensamento de Freyre.

O terceiro tópico aborda a análise da visão de Freyre e como o Nordeste realmente era em 1937. Seguido pelo capítulo da conclusão, onde foi respondido o problema de pesquisa.

---

<sup>2</sup>A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendência de comportamento etc.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O NORDESTE VISTO POR GILBERTO FREYRE

Freyre dedicou sua obra *Nordeste*, publicada em 1937, ao amigo Pedro Paranhos, senhor de Japaranduba, o qual ajudou a solucionar os enigmas das descobertas das árvores e seus nomes e o poder de cura que havia no leite que nelas continha. Ficou encantado com uns restos de mata virgens do sul de Pernambuco e com a sede de descobertas e conhecimento, decidiu passar um longo tempo em contato íntimo, direto com a natureza e as pessoas diversas que habitavam naquela região (FREYRE, 2004).

Empenhou-se em dedicar-se na pesquisa, a busca em arquivos, leituras de documentos e inúmeros livros, Freyre sentiu necessidade de posicionar-se frente a diversos e intensos debates sobre o estabelecimento de um patrimônio Nacional. Muitos intelectuais discutiam o estabelecimento do patrimônio histórico, com grandes argumentações em torno de quais construções deveriam ser tombadas e preservadas e esse debate também desdobrou uma segunda vertente da discussão do patrimônio provocando um movimento pela preservação da natureza do Brasil (FREYRE, 2004).

Freyre com o desejo de sensibilizar os brasileiros para a degradação da região do Nordeste, visto que era identificado pela seca e com a imagem de uma população pobre e atrofiada, parte do seu presente hipervalorizando o nordeste como uma terra farta, de sombra e água fresca. Para ele, a cana-de-açúcar que se alonga por terras de massapê em várzeas, faz do homem fundador de lavoura, transportador e criador de valores à sombra da agricultura, ou da monocultura da cana. A cana parece ganhar independência, escravizando esta sociedade e focando as relações entre a ação humana e a natureza (FREYRE, 2004).

Antes de prosseguir com uma análise de Nordeste, cabe aqui uma breve narrativa dos possíveis porquês dessa forte de identificação do Nordeste com a seca e a pobreza. Como teria surgido? Como e por que ganhou tanta relevância na mentalidade do brasileiro?

A combinação ou a fusão dos métodos analítico e orgânico e a tendência integradora de conhecimentos presentes na elaboração de *Casa Grande & Senzala*, transborda de modo mais intenso para a obra *Nordeste*, no sentido mais especificamente “ecológico”. Esta é a tentativa do “estudo ecológico” do Nordeste do Brasil, onde o critério é o centro de interesse, o homem:

[...] fundador de lavoura e transplantador e criador de valores à sombra da agricultura, ou antes, da monocultura da cana. O homem colonizador, em suas relações com a terra, com o nativo, com as águas, com as plantas, com os animais da região ou importados da Europa ou da África (FREYRE, 1937, p. 17).

Segundo o autor, este estudo exigiu incursões em várias especialidades (botânica, patologia, psiquiatria, etc.), numa inteira amplitude científica de fontes: documentação antropológica, sociológica, histórica, psicológica, geológica, botânica, etc. O referido “critério ecológico” estruturador do trabalho é entendido como amplo critério geral, abrangendo o científico, filosófico, estético e até o poético, isto é:

[...] procurando surpreender a região monocultora, latifundiária e, por longo tempo, escravocrata, no conjunto de inter-relações dos seus vários fatores, os físicos com os de cultura, os naturais com os históricos, os eugênicos com os eutênicos, os disgênicos com os caco gênicos (...) extrair da totalidade de inter-relações e processos naturais e de cultura que se encontrem simbioticamente confundidos e harmonizados, ou em conflito, na vida e na paisagem de determinada região, os seus traços mais característicos, os seus tipos mais representativos (FREYRE, 1937, p. 25).

Freyre trata de uma “Ecologia social”, e se orgulha de ser o pioneiro a usar esse termo no sentido social ou humano, pois via a estreita necessidade de usar os elementos naturais/ecológicos na compreensão e explicação dos fenômenos naturais.

No estudo socialmente ecológico que pretendeu realizar sobre o Nordeste, enquanto região, Gilberto Freyre retoma a crítica ácida à monocultura canavieira, colocando-a no centro de sua reflexão, como ponto de partida para as mais diversas relações com os fatores ecológicos sociais lá existentes: a terra, a mata, a água, os animais e o homem. E explicita que qualquer empreendimento de compreensão sociológica daquela região não pode deixar de ter em conta as marcas profundas e indeléveis provocadas pelos séculos de monocultura latifundiária. Como afirma no prefácio à 1ª edição de *Nordeste* (FREYRE, 1937, p. 18):

Impossível afastar a monocultura de qualquer esforço de interpretação social e até psicológica que se empreenda do Nordeste agrário. A monocultura, a escravidão, o latifúndio – mas principalmente a monocultura – aqui é que abriram na vida, na paisagem e no caráter da gente as feridas mais profundas. O perfil da região é o perfil de uma paisagem enobrecida pela capela, pelo cruzeiro, pela casa-grande, pelo cavalo de raça, pelo barco a vela, pela palmeira-imperial, mas deformada, ao mesmo tempo, pela monocultura latifundiária e escravocrata; esterilizada por ela em algumas de suas fontes

de vida e de alimentação mais valiosa e mais puras; devastadas nas suas matas; degradadas nas suas águas.

Na conquista do território pelo canavial, é sobre a mata que mais diretamente se abate a sua implantação exótica, varrendo de amplas áreas a biodiversidade vegetal e, por conseguinte, também a animal. Uma devastação efetuada em grande escala, capaz de romper, como denuncia Gilberto Freyre, o equilíbrio apoiado nas variadas formas de vida existentes em uma mata tão exuberante, como aquela derrubada pela monocultura da cana no Nordeste úmido; resultando possível, inclusive, desequilíbrios com reflexos amplos nos fatores climáticos, de hidrografia e de amplitude térmica. Segundo ele, o colonizador era visto como um grande predador, a qual destruiu impiedosamente a natureza, derrubando florestas à procura de ganho fácil, degradando solos e com isso causando o esgotamento da fertilidade natural das terras, devido à remoção das matas existentes que protegiam as margens dos rios nordestinos.

Nunca foi mais violento nos seus começos o drama da monocultura que no Nordeste do Brasil. Nem mais ostensiva a intrusão do homem no mecanismo da natureza [...]. A natureza, sabe-se pelos estudos de ecologia do animal ou da planta, que é “essencialmente variada”. O homem rompe o equilíbrio que depende dessa variedade quando faz que uma planta única e no momento valorizada mais do que as outras cresça sobre uma região inteira. É o ramo da monocultura.” [...]” Desse drama, um dos aspectos mais cruéis foi o da destruição da mata, importando na destruição de vida animal e é possível que em alterações de clima, de temperatura e certamente de regime de águas. Alterações desfavoráveis à própria cana e ao próprio senhor de engenho. Desfavoráveis à vida do homem e dos animais da região (FREYRE, 1937, p. 74).

O desaparecimento daquela vegetação de “mata adstringente” das margens dos rios, capaz de absorver a água das chuvas e reter enxurradas, além do já amplo desnudamento do solo ou da pouca proteção advinda da prática monocultora, acarretaram o assoreamento dos rios com o “húmus” da terra. E logo, daquela terra, tão nobre e tão “doce”, de massapê, elogiada profusamente por Freyre, pela sua durável fertilidade e ampla profundidade, capaz de dar estabilidade de produção por muitos anos mesmo quando maltratada. Uma terra de massapê resistente, portanto, de argila acomodatória, pegajenta, “doce”, mas firme, diferente da terra arenosa, seca e dura do sertão, sem a qual não teria sido possível se construir nela com solidez engenho, casapela e, por extensão, a colonização do açúcar que se efetivou.

A qualidade da terra completada pela qualidade da “atmosfera”, como bem observou Freyre, foi um dos elementos fundamentais que tornaram possível a implantação de grandiosos

canaviais no Nordeste. A expressão “qualidade da atmosfera” resume em si uma série de variáveis positivas para a cultura da cana, de onde se sobressai a do regime das águas:

No Nordeste da cana-de-açúcar, a água foi e é quase tudo. Sem ela não teria prosperado do século XVI ao XIX uma lavoura tão dependente dos rios, dos riachos e das chuvas; tão amiga das terras gordas e úmidas e ao mesmo tempo do sol; tão à vontade dentro de uma temperatura média que em Pernambuco é de 26,5 e de uma média anual de 176 dias de chuvas; tão feliz numa atmosfera cheia de vapor de água (FREYRE, 1937, p. 53).

Tal dependência a este ambiente farto de ‘águas’ redundou em justas homenagens prestadas pelos homens às águas e aos rios da região, através do quase culto e poetização da água, reverenciada nos nomes de muitos engenhos e lugarejos. Causando rituais místicos e desenvolvendo crenças das mais variadas. Descreve Gilberto Freyre que a água também agiu sobre a paisagem do Nordeste num sentido estético, possibilitando a propagação por todo o litoral do coqueiro-da-índia, através das marés e correntezas que conduziram as sementes, difundindo-as pela costa. Mas, do mesmo modo, observou também quem sempre foram idílicas as relações entre a água e o povo da região, ao relatar a ocorrência de grandes enchentes e da contaminação da água dos rios, seja por poluições ou doenças, aspecto este último atribuído principalmente ao desprezo dos donos de usina de açúcar, sucessores atuais dos antigos engenhos, pelas águas dos rios.

O monocultor rico do Nordeste fez da água dos rios um mictório. Um mictório das caldas fedorentas de suas usinas. E as caldas fedorentas matam os peixes. Envenenam as pescadas. Emporcalham as margens. A calda que as usinas de açúcar lançam todas as safras nas águas dos rios sacrifica cada fim de ano parte considerável da produção de peixes no Nordeste. [...]. Quase não há um rio do Nordeste do canavial que alguma usina de açúcar não tenha degradado em mictório. As casas já não dão a frente para as águas dos rios: dão-lhes as costas com nojo. [...] O rio não é mais respeitado pelos fabricantes de açúcar, que outrora se serviam dele até para lavar a louça da casa, mas não o humilhavam nunca, antes o honravam sempre (FREYRE, 1937, p. 64).

Usou os rios naquilo que eram úteis e transformou-os em verdadeiros canais de esgotos de recebimento de produtos e desejos industriais, que disseminou epidemias e endemias europeias e africanas.

Freyre também citou muito a fauna no inventário de relações ambientais/ecológicas que empreendeu em Nordeste. Segundo ele, os animais gozam de uma importância mística considerável na vida da gente do Nordeste canavieiro, estando presentes em suas histórias, nas cantorias folclóricas, no anedotário obscuro, na poesia popular, etc. Porém, aponta a

curiosidade de serem os animais “importados” e não tanto os “da terra” que aí aparecem. Os animais mais familiares e identificados com o homem são aqueles trazidos da Europa, enquanto os autóctones quase que continuam ainda criaturas indiferenciadas dentro da expressão genérica de “bichos”. Estes animais nativos tiveram quase que o mesmo tratamento e consideração que a mata quando confrontados com a monocultura da cana:

Contra a raposa e o guará, o homem do canavial recorreu à “espera”; ao veneno na banana, para a raposa; ao veneno no peixe, para o guará. E a caça se juntou à queimada, para a destruição de quanto animal do mato teve a afoiteza de querer resistir ao avanço civilizador da cana; o sonho de poder viver em paz com os novos donos da terra. Pacas, cutias, tatus, capivaras, tamanduás, onças, gatos do mato, tudo foi ficando raro, à proporção que o mato grosso foi desaparecendo para a cana imperar sozinha (FREYRE, 1937, p. 102).

A cana de açúcar passou a ganhar cada vez mais espaço no Nordeste, foi uma importante, porque não dizer a principal fonte de trabalho de geração de riqueza de Pernambuco na época. Porém, esta fonte de trabalho e desenvolvimento econômico acarretou em problemas ambientais, pois a cana passou a tomar o espaço que antes era ocupado por animais e com seu avanço estes animais foram perdendo seu espaço, muitos desapareceram e outros correm o risco de extinção. Antes não existia preocupação ambiental, onde o crescimento econômico deveria estar associado ao ambiental.

## 2.2 COMO O NORDESTE REALMENTE ERA EM 1937

O Nordeste não pode ser visto apenas pela ótica de Freyre, José Lins do Rego também compartilhou sua visão sobre o Nordeste, tendo o mesmo uma visão semelhante com a de Freyre. Rego observou o Nordeste como sendo uma nova forma de descentralização da política e da economia, onde a diversidade foi vista como forma reacionária, onde a diferença era conservadora e não criativa e inventiva (ALBUQUERQUE JR., 1999). Neste sentido, o Nordeste passou a ganhar novos olhares, a partir da visão de Freyre, onde outros estudiosos despertaram seu interesse pelo Nordeste e observaram a importância deste estado no cenário nacional.

De acordo com Dabat (2007) a colonização portuguesa se apropriou de terras de notável longevidade, onde foram instalados empreendimentos agrícolas açucareiros. Na zona canavieira de Pernambuco predominava o sistema feudal, onde era praticamente um monopólio. Com a eficiência dos empreendimentos açucareiros foram escolhidos os novos

senhores da terra. O Estado, por patrocinar o empreendimento, exercia a intervenção como um direito, direcionando a concentração feudal. Até hoje predomina a ausência permanente de camadas médias de produtores. As propriedades eram controladas pelas classes dominantes.

Com base na visão de Dabat foi possível observar que o Nordeste teve seu desenvolvimento açucareiro por conta da colonização dos portugueses, porém, esta intervenção dos portugueses trouxe uma conduta negativa, onde as classes dominantes exerciam o poder em relação aos pequenos cultivadores, monopolizando o negócio e prejudicando a evolução econômica e empreendedora dos pequenos cultivadores.

Conforme os relatos de Dabat (2007) após a pós-independência não houve mudanças significativas, as terras pertenciam a quem as ocupasse. O poder público era omissivo, com isso os senhores ricos ocupavam as terras e expulsavam os posseiros pobres, os quais não possuíam condições para assegurar os seus direitos em cartório, prevalecendo o monopólio. Desde o século XIX, haviam defesas isoladas para a reforma agrária, a legislação de 1850 trazia a Lei das Terras, onde visava impedir que os europeus tivessem domínio pelas terras em suas fazendas de café. Neste sentido, pode-se observar que o problema das terras já era discutido há muitos anos, embora tenha sido defendida a reforma agrária esta não conseguiu ser implementada com sucesso, tendo este problema perdurado até os dias atuais e servindo de debates até então.

Freyre (1937) defendia que no Nordeste a antiga civilização do açúcar era vista como uma forma de patologia social numerosa, onde existiam confrontos com as outras civilizações brasileiras por minas, pastoril, fronteiras e café. Porém, Freyre defendia que era uma civilização saudável, mais democrática e equilibrada em sua distribuição de bens e riquezas, porém, criadora de valores políticos intelectuais e estéticos. Observando a visão de Dabat e Freyre observa-se que são visões diferenciadas em relação à distribuição das terras, pois Dabat assegura uma ótica pela qual a divisão era realizada através do monopólio, onde os que tinham maior riqueza se apropriavam dos que possuíam menores condições. Já na visão de Freyre a divisão de riquezas e bens era justa, democrática. Conforme o descrito por Dabat essa visão dele demonstra uma forma de “distribuição” sem nenhuma democracia, onde o dinheiro e o poder prevaleciam acima das condições igualitárias, refletindo até os dias atuais.

Conforme Castro (1992) a economia agrária sofre com uma grave doença, ou seja, a monocultura, a qual era considerada por Guerra e Sanchez como uma gangrena, que busca invadir um organismo inteiro. Já GrenfellPrice a comparou com um câncer, onde o desordenamento das células de forma impune absorve por todos os lados. Esta foi responsável por comprometer a qualidade da alimentação na região. Os primeiros colonizadores

portugueses traziam hábitos alimentares bons, baseados em frutas, legumes e verduras, porém, com a invasão da Península Ibérica pelos árabes modificou o tipo de alimentação, uma alimentação mais equilibrada, que tinha como importante aliado o clima tropical, mas este modelo alimentar não sobreviveu no Brasil.

Freyre (1937) relatava que as pessoas que eram mais bem alimentadas na região do Nordeste era o senhor de engenho e o escravo, pois os senhores de engenho tinham interesse em alimentar bem seus escravos para que estes pudessem ter melhor desempenho produtivo. Esta realidade relatada por Freyre era uma utopia, pois, de acordo com Castro (1992) os escravos possuíam doenças relacionadas ao problema de nutrição, por falta de carência de nutrientes bem como afecções nutritivas. Neste sentido, Dabat (2007) relata houve um déficit crônico relacionado aos produtos por conta da monocultura, chegando a um índice de 70% de necessidades básicas na região. Ou seja, das necessidades básicas da população, apenas 30% eram atendidas, enquanto as outras eram escassas ou não existiam. O que demonstra que a visão de Freyre era distorcida em relação a real situação do Nordeste.

Ainda neste sentido, Castro (1992) descreve que por conta da má alimentação existia um avanço da tuberculose nos estados nordestinos. Onde também concentra um importante fator de mortalidade, sendo um fator de 50%, os que morriam antes de completar 30 anos. A tuberculose no Brasil tinha os índices mais elevados no Nordeste, Salvador com índice igual a 345, Fortaleza 302 e Recife com 359 por 100.000 habitantes. Esses dados só enfatizam que o povo no Nordeste foi massacrado com a fome, a qualidade baixa alimentícia, aumento das doenças, baixa condições de higiene, aumento da mortalidade por conta de más condições que eram dadas a população. Freyre não retrata a fome, a miséria, a mortalidade em seus relatos, estas condições desumanas que contribuiu com as mudanças estruturais de um povo, sua cor de pele, fisiologias, dentre outros aspectos.

Freyre (1937) tinha uma visão em relação à formação da civilização brasileira, na qual o negro teve grande importância nesta formação. O mesmo defendia que não deveria haver poder absoluto das nações por conta da raça, onde deveria predominar a branca sobre as mestiças. O mesmo defendia que uma raça pura era impossível no Brasil, pois não existiam, todos eram mestiços. Defendia que mestiços eram aptos aos trabalhos mecânicos e às novas técnicas. A diferença de raça só teria sentido se houvesse uma divisão de classe ou regional, pois as hierarquias das cores podiam variar de acordo com cada região. O mesmo abordava os conflitos de raça ou de classe, como uma luta de culturas e mentalidades. Onde fatores ecológicos também tem sua contribuição.

Logo, a identidade nacional exposta por Freyre foi entendida por Albuquerque Jr. (1999) como uma busca envolvendo a mestiçagem e a tropicalidade. Que a identidade nacional foi construída através da cultura e da ética. O Brasil e o Nordeste foram vistos como locais onde houve harmonização entre as raças e cultura. Conforme Freyre (1937) a civilização brasileira foi criada pela sociedade açucareira do Nordeste, sobrevivendo através do trabalho dos negros, sendo este um dos principais pilares da nacionalidade brasileira. A sociedade “rural e patriarcal” detinha o poder na relação com o negro, onde garantia sua “docilidade” nas relações entre escravos e seus senhores na produção açucareira. Já as relações entre escravos e senhores na produção cafeeira paulista existiam conflitos constantes, pois, a princípio persistiam as relações patriarcais e depois de caráter mercantil, sendo esta utilização dos negros mais violentos.

Para Albuquerque Jr. (1999) esta visão de Freyre buscava a manutenção da ordem, em virtude dos equilíbrios existentes em relação aos fatores sociais, naturais e culturais. O mesmo não entendia a nação como uma sociedade capitalista e burguesa em sua plenitude, mas como relação de ordem para manter o espaço tradicional, mantendo o progresso da antiga ordem, ligando o passado, o presente e o futuro. Albuquerque Jr. (1999) concorda que a “personalidade brasileira” foi formada pela influência negra, em forma decisiva, mas, o latifúndio patriarcal foi um empreendimento econômico envolvendo organização cultural e social, onde a chefia “aristocracia branca” a qual compunha a personalidade brasileira.

Na visão de Andrade (1988) o estado de Alagoas era o maior produtor de álcool e de cana-de-açúcar, enquanto Pernambuco era o maior produtor de açúcar. As usinas de Pernambuco se desenvolveram em 1884, os primeiros engenhos centrais foram Santo Inácio, Cuiambuca, Bom Gosto e Firmesa, os engenhos se diferenciavam apenas em aspectos administrativos e patrimoniais, em relação aos demais aspectos eram iguais. Depois surgiram no sul do Recife as indústrias modernas com grande capacidade e comparadas com os banguês, nestas predominavam os senhores com prestígio político e maior posse. Com as novas instalações de usinas fizeram que os empresários se tornassem controladores políticos do estado, procuravam garantir o rendimento do negócio e passaram a eleger governadores que os apoiavam, ou até mesmo proprietários de usinas, controlavam o preço e a exploração da cana.

Para Freyre (1937) a civilização do açúcar constituiu quase toda a civilização brasileira, sendo uma organização cheia de contrastes, mas que enriqueceu a cultura brasileira. Porém, Freyre relata que a industrialização se preocupava com o açúcar e não com as pessoas que ali viviam, nem os animais e nem a paisagem. Houve a diminuição da saúde do homem,

das fontes naturais da vida regional, da inteligência, sensibilidade, emoção, dando lugar à revolta, críspação e ressentimento.

Observando a visão de Andrade e Freyre, percebe que a visão de Andrade demonstra a preocupação dos usineiros em preservar suas riquezas, seus negócios, sua posição política, seu poder, a modernização das indústrias, controle de preço da cana e em relação à exploração da mesma. A visão de Freyre demonstra a preocupação com a população, com o local onde viviam, a saúde das pessoas, a extinção de animais, mudança de paisagem. A industrialização corrompeu a vida na região, tendo a cana de açúcar influenciado na mudança da vida das pessoas que influenciou em sua cultura, como também na civilização brasileira, pois, as mudanças proporcionadas pela industrialização da cana influenciaram na vida da população brasileira.

Freyre (1937) relata que as usinas não trouxeram nada de positivo para civilização, as casas passaram a ser cinzentas, onde a culinária houve modificações, que nas casas de engenho os doces antes caseiros foram substituídos por doces enlatados. Desapareceu o lirismo, onde a exploração da terra era o primordial, onde existia quase um nojo da cana e do massapê. Onde a assistência do governo e dos industriais surgia parecendo uma caridade, nem sempre econômica ou política. Permitindo um atraso da lavoura de cana, com rendimentos de um quinto em comparação com as terras do Havaí.

A visão de Castro (1992) era em conformidade com a de Freyre, pois o mesmo relatou que o plantio exclusivo da cana destruiu quase por completo a vegetação, os animais, modificando o equilíbrio ecológico da paisagem, degradando os recursos alimentares da região, acarretando prejuízos graves para a estrutura biológica da humanidade regional. Porém, a cana demonstrou ser uma planta indicada contra a erosão dos solos tropicais, permitindo estabilidade econômica à nova sociedade que estava em formação e uma nova forma de sistema agrário enraizado e fixado nas terras novas.

Verifica-se que a visão de Andrade e Freyre foi à mesma diretriz, onde a cana proporcionou a industrialização, mas trouxe mudanças significativas na vida da população que vivia naquelas regiões. Trouxe consequências negativas para a vegetação, animais, principalmente para a população, as quais não possuíam mais quase recursos alimentares, pois o foco era a cana. A saúde da população também foi comprometida, algum tipo de assistência oferecida pelo Governo e industriais eram feitas como caridade, onde estes foram os responsáveis por tais mudanças que comprometeu a qualidade de vida das pessoas que ali viviam. Não era para ser vista como caridade, mas como uma obrigação por ter as ações da cana, causado tantas mudanças negativas para a população.

Os costumes locais foram sendo modificados, como o simples hábito de fazer um doce caseiro que foi substituído por doces enlatados. Estas mudanças simples demonstram como a população local se adequou às mudanças na época. As casas acinzentadas citadas por Freyre demonstram a qualidade do ar que as pessoas respiravam, a ponto de deixar as casas acinzentadas, uma poluição que causava problemas de saúde à população, que comprometeu até mesmo sua estrutura biológica, como citado por Castro. A cana foi um produto muito rentável, que deu certo nos solos tropicais, sendo estes solos favoráveis ao seu plantio, por isso a devastação de vegetação, extinção de animais, mudança de um povo, pois nada justificava mais que a riqueza gerada pela exploração da cana.

Os engenhos possibilitaram o nascimento de uma unidade psicológica, ou seja, o Nordeste, onde Freyre (1937) enobrecia as paisagens voltadas às capelas, cavalo de raça, casa-grande, cruzeiro e palmeira imperial. Porém, Albuquerque Jr. (1999) retrata que as fontes de vida estavam estéreis por conta da monocultura latifundiária e escravocrata, que causou desmatamento, degradação das águas, queimadas das matas, erosão das terras, o qual defendia a natureza e o espaço. Freyre (1937) defendia que a degradação do Nordeste fazia parte da decadência da sociedade tradicional, dando espaço ao equilíbrio social, pela conservação da natureza, um progresso que possibilitou mudanças nas relações sociais.

Para Albuquerque Jr. (1999) as relações sociais eram de pessoas que cada vez mais empobreciam e que a sociedade patriarcal se solidificava, tendo os senhores de engenho sucesso em seus empreendimentos, tendo sempre a disposição uma massa pobre e os escravos para explorar. Freyre (1937) descreveu que os Bandeirantes conquistaram verdadeiros luxos de terra, tendo este comprometido a saúde da economia da colônia, interferiu na política, não tendo sido comprometida por conta da manutenção gerada pela igreja, “sendo o catolicismo o cimento da unidade”.

Para Cassiano Ricardo e Alcântara Machado (apud ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999), esta visão de Freyre em relação aos Bandeirantes era distorcida, pois estes, eram homens pobres, viviam praticamente como indigentes, modos grosseiros de vida, sendo duros com outras pessoas e com si mesmo. O mesmo acredita que o tipo brasileiro foi determinado pela democracia biológica instalada pela sociedade cristã e patriarcal paulista, contribuindo para a sua concepção.

Freyre (1937) tinha uma ideologia voltada ao pensamento genético e cultural, onde acredita nas relações entre os trabalhadores açucareiros e os empresários do setor açucareiro. Porém, Dabat (2007) demonstra que esta escola de pensamento conduzida por Freyre é distorcida da realidade, pois, os trabalhadores do setor açucareiro reagem às formas de

exploração que os mesmos sofriam. Os empresários açucareiros exerciam seus trabalhos de forma brutal e categórica, a paz social tão falada por Freyre pode ser chamada também de “paz do chicote”, que era o alicerce da Civilização açucareira, demonstrando a brutalidade nas relações. Esta forma de condução das relações pelos empresários do setor açucareiro causava resistência e revolta entre os trabalhadores da cana-de-açúcar, onde houve rebelados no quilombo dos palmares, havendo fugas e buscando edificar uma sociedade distinta, porém, não igualitária. No século XX houve as Ligas dos Camponeses, formação de Sindicatos de Trabalhadores rurais. Em 3 de setembro de 1955 houve o 1º Congresso Camponês de Pernambuco, reunindo três mil trabalhadores, onde foi legitimada e reconhecido o problema regional em relação a questões sociais que buscava uma nova postura do governo em relação a estas questões, quebrando o tabu sobre a Reforma Agrária, buscando pela Reforma Agrária e Camponesa.

De acordo com Dabat (2007) houve o 1º Congresso de Lavradores Trabalhadores Agrícolas e Pescadores de Pernambuco, o qual reuniu nas ruas de Recife seis mil homens a favor da reforma agrária, a qual escandalizou as elites locais. Entre seis e dez de abril de 1960 ocorreu o I Congresso Sindical dos Trabalhadores do Norte e Nordeste, onde foi discutidas questões relacionadas à sindicalização. Em vinte de maio de 1961 ocorreu o I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, onde buscava a elaboração de um Programa de reivindicações e direitos trabalhistas, como salário mínimo, férias, abolição do cambão, descanso remunerado semanalmente, previdência social e voto para os analfabetos.

Segundo os relatos de Ferreira (2006) Mário de Andrade relatou que os nordestinos migravam para o Sul do Brasil, predominando São Paulo, para buscar melhores condições de vida provocadas pela seca, pela fome, as salinas e o Sertão. Mário de Andrade reconhecia que a região do Seridó era uma importante área para o Progresso no interior dos estados.

Estes Congressos realizados descritos por Dabat (2007) demonstra que as relações entre os empresários e trabalhadores do setor açucareiro era conturbado, onde os trabalhadores se uniam para reivindicar os seus direitos por melhores condições de trabalho, uma reforma agrária e camponesa a qual não foi conquistada até os dias atuais. Corroborando que a visão de Freyre em virtude destas relações era uma utopia. Que por conta do sofrimento que os trabalhadores nordestinos passavam, optaram por migrar para o Sul para verificar a possibilidade de viver com condições mais digna de vida.

Não se pode esquecer-se do problema da seca no Nordeste. Em 1889 com a Proclamação da República, onde as províncias se transformaram em estados federais, ganhou

um pouco mais de prestígio na esfera federal, o que fez com que os estados pressionassem o governo por uma política permanente de combate a seca no Nordeste. Em 1907 foi criada a Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca, a qual desenvolveu estudos hidrológicos, geológicos, geográficos, botânicos e mineralógicos. Através deste estudo foram identificadas grandes bacias dos rios temporários, locais favoráveis a construções de barragens, açudes para reter água. Mas uma política social não era desenvolvida ao mesmo tempo, possibilitando que os beneficiários fossem os grandes favorecidos com as ações do governo. Os próprios técnicos da Inspetoria, que hoje é o Departamento Nacional e Obras Contra as Secas (DNOCS), defendessem e advogassem a favor de uma agricultura de irrigação e sangradouros de açudes, passando a investir no plantio das bananeiras, algodoeiro, tomateiro, dentre outras frutas. Embora tenham sido desenvolvidas estas ações o Governo não possui força frente aos grandes proprietários de terras para desocupar terras para construção de açudes, o que comprometeu o desenvolvimento de uma política social (ANDRADE, 1988).

Como não conseguia resolver o problema da Seca no Nordeste, o governo passou a construir rodovias ligando as principais cidades do litoral. Nesta construção utilizou o próprio trabalho dos Sertanejos, uma forma de conter estes em suas regiões, evitando que migrassem para o litoral ou as grandes cidades, despertando por problemas que poderiam ocorrer, como, saques, dificuldades de abastecimento e doenças. A política do DNOCS foi recebida com felicidade por parte da população, porém, com o tempo foi desacreditada, porque as verbas destinadas ao problema da seca não era utilizada para este fim, ficava concentrada na mal de políticos, grandes comerciantes e proprietários, o que passou a ser conhecido com “Indústria das Secas” (ANDRADE, 1988).

O Governo Federal na década de cinquenta tentou reorganizar a agricultura do Vale do São Francisco, uma tentativa de modernizar o Sertão, construíram grandes barragens voltadas a produção de energia hidrelétrica e exploração dos recursos minerais. Com a Constituição de 1956 foi instituída que 1% da renda do país seria destinado a recuperação do Vale do São Francisco, sendo esta transformada em 1967 para Superintendência do Vale do São Francisco, em 1975 passou a ser a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF) (ANDRADE, 1988).

O governo do então presidente Juscelino Kubitschek utilizou de uma marca, desenvolver 50 anos em 5, com isso formou um grupo de trabalho chefiado por Celso Furtado, economista, cujo o qual fez estudos para desenvolver um programa para o Nordeste, porém, o mesmo identificou que o problema básico não era de ordem física e sim social, não era climático, mas político e social, pois não havia adaptação entre economia e a sociedade, o

que influenciava nos impactos da seca. Desde então foi criada a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), a qual era ligada diretamente a Presidência da República. Este desenvolveu política de industrialização, política de democratização agrária, técnicas para aumentar a produção e política de redistribuição da população. Porém, foi encontrada forte resistência para implantação destas políticas, sendo implementadas, primeiro, nos locais de menor resistência (ANDRADE, 1988).

Em 1964 houve o Golpe Militar e a SUDENE perdeu sua credibilidade sendo inserida no Ministério do Interior. Depois com a Nova Republica obteve melhores condições de trabalho, tornando-se um órgão burocrático que oferecia assistência ao governo estadual, gerenciava políticas para incentivos fiscais, projetos agrícolas e industriais, com isso fez que perdesse sua caracterização em relação a sua criação. O Nordeste foi atingido em 1970 por uma imensa seca, a qual foi utilizada pelo governo para fazer propaganda em relação a política assistencialista, criando um Projeto Sertanejo que visava transformar em pequenas empresas de produção agrícolas, voltado ao mercado, tendo este um impacto grande e negativo por influenciar na economia (ANDRADE, 1988).

De acordo com Andrade (1988) o problema da Seca não era o principal fator, mas a exploração da seca pelos grupos dominantes que realizaram a verdadeira “Indústria da Seca”. Onde os pobres são os mais prejudicados por não terem reservas, perdem tudo e se deparam com a migração forçada para sua sobrevivência. Os trabalhadores que se concentravam em poucas áreas recebiam salários baixíssimos, inferior ao mínimo, que não lhe davam condições de obter produtos que eles mesmos produziam. Andrade (1988, p. 73) descreveu que no Sertão a “Seca é a mãe dos ricos e a madrasta dos pobres”.

Esta expressão usada por Andrade (1988) demonstra que durante o processo de Seca os proprietários, políticos e comerciantes detinham de benefícios que os faziam tirar proveito em relação à Seca. A população pobre sofria com a fome, miséria e tinham que migrar para outras localidades para tentar condição melhores de vida. Os trabalhadores possuíam baixos salários que já era proposital, para que estes dependessem de políticas assistencialistas que seguravam o poder na mal dos políticos, comerciantes e dos proprietários. Demonstrando assim a real realidade do povo sertanejo, diferente da visão de utopia de Freyre.

### 3. CONCLUSÃO

Este trabalho buscou responder a seguinte problemática: O “Nordeste” de Freyre retratava uma realidade ou era outra construção ideológica? Neste sentido, com base nos dados levantados, foi possível verificar que a visão que Freyre construiu em relação ao Nordeste era ideológica, o mesmo não retratou a realidade do Nordeste como realmente era. O mesmo acreditava na docilidade existente entre as relações de trabalhadores e senhores dos setores açucareiros, porém este tipo de relação não existia.

A busca pelo equilíbrio social, cultural e natural não justificava o desmatamento, a exploração do trabalho humano e suas condições desumanas. Freyre demonstrou uma realidade na qual estes fatores ocorreram para que pudesse haver uma formação de uma nova nação. A visão do mesmo era ideológica, primava por questões culturais e defendia as relações sociais. O que pode ser observado é que a visão de Freyre em relação a contribuição do trabalho dos negros para a construção da nacionalidade era verdadeira, porém, o mesmo retratou que as condições destes negros eram boas, onde eram bem alimentados e esta prática não procede na realidade nordestina. O que havia eram negros que eram explorados, a relação era baseada em duras chicotadas, onde os trabalhadores sofreram com a tuberculose, com a fome, más condições de higiene, dentre outros fatores.

Quanto às paisagens citadas por Freyre de forma maquiada, pois retratava uma paisagem cinzenta, fala da extinção de animais, culinária, folguedos populares, mas de forma que compara estas alterações a importância do setor açucareiro para o Brasil. O que é observado é que essa paisagem cinzenta era a poluição causada pelo desmatamento para o plantio da cana-de-açúcar, bem como os vestígios de sua produção, acarretando falta de alimentos básicos para a subsistência humana. O setor açucareiro não se preocupava com a qualidade de vida dos trabalhadores, mesmo com as evoluções chegando a fase industrial, os trabalhadores do setor açucareiro não tinha benefícios, recebiam baixos salários, que mal dava para custear sua alimentação. Freyre defendia que só existia revolta e conflito no setor cafeeiro, porém isto não era verdade, no setor açucareiro os trabalhadores eram revoltados e começaram a fazer Congressos para reivindicarem por seus direitos. Buscavam a reforma agrária, controle da seca, procedimentos que minimizassem o sofrimento do povo nordestino.

O problema da seca no Nordeste em sua plenitude ia além da escassez de água, mas as desvios dos recursos destinados a seca que se concentravam nas mãos dos governantes e aos

que detiam o poder na época, como comerciantes e produtores. O problema era de ordem política, social e econômica. Enquanto tivessem pessoas pobres não faltariam trabalhadores no setor açucareiro, como também geraria maior lucratividade para os governantes e empresários da época, onde os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Tendo os pobres que migrarem pra outras localidades para conseguir uma qualidade de vida um pouco menos dolorosa que no Nordeste, mas nem sempre em outras localidades o sofrimento era amenizado, pois tinham as doenças, falta de moradia, emprego, etc.

O que se pode concluir é que a visão de Freyre era ideológica e não era condizente com a realidade do Nordeste brasileiro. Fazendo uma alusão em relação a como era o Nordeste e os dias atuais, houve algumas melhoras, outros setores de produção foram surgindo, os salários ficaram melhores, mas em relação aos trabalhadores do setor açucareiro ainda encontra neste setores trabalhadores que sofrem com as más condições de trabalho, que existe o trabalho infantil clandestino, não tem nenhuma segurança, dentre outros aspectos.

A tão sonhada reforma agrária ainda não ocorreu até os dias atuais, remetendo a importância financeira dos que detém de maior poder aquisitivo, demonstrando que o governo ainda continua sem força para lutar contra estes empresários em busca da desapropriação de terras. Com este problema social, também considerado um benefício político e econômico, políticos ainda conseguem votos com a promessa da reforma agrária, os empresários continuam cada vez mais ricos e os pequenos produtores que buscam por terras para desenvolver suas plantações continuam pobres.

É preciso enfatizar que o Nordeste passa por muitos problemas ligados às questões políticas e não naturais, pois poderiam ser desenvolvidos programas voltados a irrigação, como já existe em Petrolina, fontes de armazenamento de água, exploração de minerais como fonte econômica para a população, fortalecimento de pequenas produções através de programas do governo que destinasse realmente verbas a estes meios. Bem como deveria existir a educação, investindo em boas escolas que ensinassem as pessoas a ler e escrever, mas que fossem além, que demonstrassem a importância da conscientização da população em relação ao meio que vivem. Assim, este tipo de política baseada na contribuição de caridade e de alienação que vem sendo utilizada ao longo dos tempos seria substituída por uma política voltada a qualidade de vida, de educação, de moradia, alimentar, dentre outros.

Infelizmente a política ainda é realizada em cima dos problemas existentes no Nordeste, com estes são conseguidos votos que elegem pessoas que não visam um novo Nordeste com riquezas que podem ser exploradas de forma sustentável, que melhorem a qualidade de vida da população sem gerar tanto sofrimento em decorrência das secas. A visão

ideológica de Freyre demonstra um Nordeste bonito por sua cultura, arte, povo alegre e a importância destes para o Brasil, mas não retrata a real realidade que o Nordeste vivia.

### REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Cláudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. **Monografia no Curso de Administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Nordeste: alternativas da agricultura**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

CASTRO, Josué. **Geografia da Fome: (o dilema brasileiro: pão ou aço)**. 11. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

DABAT, Christine Rufino. **Moradores de Engenho: relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

FERREIRA, Ângela Lúcia. Adentrando Sertões: considerações sobre a delimitação do território das secas. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**. Universidade de Barcelona. ISSN 1138-9788. V. X, n. 218 (62), de 1 de agosto de 2006.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, André Luiz de Miranda. Visões da "insuficiência": o nordeste e o desenvolvimento regional no pensamento social brasileiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. 3, n. 52, p. 69-88, 2011 set./mar.

SANTOS, Gisele Rocio Cordeiro Mugnol; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fatto **Orientações e Dicas Práticas para Trabalhos Acadêmicos**. Curitiba: Ibpx, 2007.

VERGARA, Sylvia Constant. **Método de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.